25 anos editora & livraria SÊFER
A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL
www.sefer.com.br

4

OS SÁBIOS DO TALMUD



Hilel

Aforismos do sábio Hilel (1)

Mishná 1:12 do Pikê Avót

***A Ética do Sinai*, Irving M. Bunim**

Editora Sêfer

Hilel

Hilel e Shamai foram os fundadores das escolas conhecidas pelos seus nomes (*bet Hilel, bet Shamai*) e envolveram-se em numerosas discussões e controvérsias a respeito da lei judaica. Eles viveram no século I a.e.c. e começo do século I e.c. O Talmud registra 316 controvérsias entre ambas as escolas; deste número, somente cinquenta e cinco vezes a escola de Shamai fez regras mais leves do que a escola de Hilel. Esta última era mais liberal, porque seu fundador estabeleceu um padrão indulgente, sem desviar-se da lei.

Chegado à Terra de Israel, proveniente da Babilônia, aos quarenta anos de idade, Hilel pagava a metade de seus ganhos diários como trabalhador comum ao porteiro, para poder entrar na academia de Shemaiá e Avtalion.[4] Com o tempo, ele tornou-se um discípulo devotado e, após a morte deles, em determinada ocasião, os chefes do judaísmo não estavam conseguindo resolver uma questão da lei e Hilel o conseguiu. Tornou-se *Nassí*, presidente do *San'hedrin*, o grande conselho jurídico e religioso de Jerusalém.[5] Uma vez, um eco celestial testemunhou que, se sua geração tivesse feito jus a isto, a Presença Divina teria repousado sobre ele, para torná-lo um profeta; e quando ele morreu, foi elogiado como piedoso, modesto e "discípulo de Esdras."[6]

Foi Hilel quem, pela primeira vez, ensinou a Regra de Ouro a um candidato à conversão, um resumo sucinto do judaísmo: "Não faças a outros o que não queres que te fa-

çam. Esta é toda a Torá, o resto é comentário."[7] Um homem de caráter santo, praticava a sinceridade, modéstia e humildade em sua vida privada. Conforme o *Midrash*, ele viveu 120 anos, como Moisés, e sua vida foi dividida em três períodos: até os 40, foi trabalhador na Babilônia; de 40 a 80, estudou na Terra de Israel; dos 80 em diante, foi *Nassí*, o patriarca.[8]

Shamai era igualmente gigantesco em intelecto e erudição, mas em temperamento ele era oposto a Hilel. Impaciente, faltava-lhe a doce indulgência, a gentileza incansável de Hilel que, frequentemente, atraía as pessoas à Torá e ao Todo-Poderoso. Shamai e seus seguidores adotavam pontos de vista mais estritos na lei judaica. Mas em seu desenvolvimento e tradições posteriores, a lei judaica sempre aceita como definitivas as normas de Hilel.

O Rabi Israel Salanter observou que, assim como ocorria em assuntos da lei, eles também divergiam no modo de servir ao Todo-Poderoso: um serviu com humildade, o outro com severidade pela honra da Torá. Mas ambos atuaram com base em princípios, não visando vantagens pessoais; e se cada um deles tivesse sustentado o princípio do outro, teria atuado como ele.

Estes foram os dois últimos e mais ilustres dos *zugot*, os "pares" que trabalhavam em duplas como líderes.

Notas

4. T. B. *Iomá* 35b.
5. T. B. *Pessachim* 66ª; T. J. *Pessachim* 6, 1.
6. T. B. *San'hedrin,* 11a
7. T. B. *Shabat* 31a.3
8. *Midrash Sifrê*,

Hilel dizia:

Sê dos discípulos de Aarão,

ama a paz e busca a paz,

ama as criaturas e aproxima-as da Torá.

Hilel podia dizer isto pois era a perfeita encarnação de seu próprio ensinamento de amar a paz e a humanidade. Vejamos duas histórias notáveis a este respeito, registradas no Talmud:

Certa feita, dois homens apostaram que aquele que fizesse Hilel perder a paciência, receberia 400 *zuzim* do outro. Era sexta-feira à tarde e Hilel estava tomando banho. Um dos homens passou à sua porta, gritando: "Onde está Hilel? Onde está Hilel?" Hilel se envolveu num manto e saiu, perguntando o que ele queria. O homem disse: "Tenho uma pergunta para lhe fazer: Por que os babilônios têm a cabeça redonda?" "Esta é uma pergunta profunda" – respondeu Hilel. "É porque suas parteiras não são suficientemente treinadas".

O homem se foi e regressou mais tarde. Novamente, gritou: "Onde está Hilel? Onde está Hilel?" Hilel apareceu, novamente envolvido num manto. A pergunta desta vez era: "Por que as pessoas de Tadmor (habitantes de Palmira) têm olhos oblíquos?" "Esta também é uma pergunta profunda" – disse Hilel. "É porque eles vivem numa terra arenosa e as estreitas ranhuras que as pálpebras formam evitam que a areia entre em seus olhos."

O homem partiu novamente mas voltou logo. Desta vez, a pergunta era: "Porque os pés dos africanos são tão largos?" "Esta também é uma pergunta profunda" – respondeu Hilel. "É porque eles vivem em terras pantanosas." (Sendo largos, seus pés não afundam tão facilmente). O homem disse: "Tenho muitas outras perguntas ainda para fazer, mas tenho medo de que o senhor fique bravo." Hilel enrolou-se melhor em sua capa, sentou-se e disse a ele para fazer todas as perguntas que desejasse.

O homem então disse: "Você é Hilel, a quem chamam de Príncipe de Israel?" "Sim" – respondeu Hilel. "Se é assim, que não haja mais pessoas como você em Israel!" Hilel disse: "Mas por que, meu filho?" O homem contou sobre a aposta e disse: "Por sua causa eu

perdi 400 *zuzim*!" Hilel retrucou: "É melhor você perder 400 *zuzim* e mais 400 *zuzim* ainda, do que Hilel perder sua paciência!"[79]

A outra estória conta que Hilel estava caminhando e ouviu um grito de dor. Ele disse: "Tenho bem certeza de que isto não está vindo de minha casa."[80] Hilel não rezou "que não seja da minha casa". Simplesmente estava seguro de que este grito não provinha de sua casa. Ele sabia que ninguém em seu lar se assustaria tanto ou se entregaria a tamanho desespero, não importa o que houvesse ocorrido, pois esta era a forma como ele conduzia os assuntos na sua casa. Os rabinos explicam: A respeito de homens como Hilel, o rei David escreveu: "Não temerás as más notícias, pois teu coração é firme e confias no Eterno."[81] Por ele confiar no Eterno, nunca temia o futuro.

Aarão, o sumo-sacerdote, não somente amava a paz, mas a perseguia ativamente, criando-a onde antes não existia. Por exemplo, se Rubem e Simão não estavam se falando, ele ia até Rubem e dizia: – "Você sabe, eu encontrei com Simão na outra noite e ele gostaria de fazer as pazes, mas tem medo de que você não aceite a sua mão estendida em amizade."

Tendo plantado uma semente, Aarão ia até Simão e contava-lhe a mesma história a respeito de Rubem.

No dia seguinte, quando Rubem e Simão se encontravam, cada um deles simultaneamente oferecia sua mão em amizade, e eis que a paz era obtida.[81a]

Há muitos que amam a paz, mas quantos são discípulos verdadeiros de Aarão, querendo fazer tais esforços a favor dela?

Ama as criaturas e aproxima-as da Torá

Com Aarão, isto também era refletido nas relações humanas concretas. Se, por exemplo, ele sabia que um israelita não estava observando completamente o *Shabat*, Aarão fazia amizade com ele e o visitava com frequência. Logo, o homem iria dizer para si mesmo: "Se uma grande personalidade como Aarão, o sumo sacerdote, é meu amigo, como posso violar o *Shabat*?" Por pura vergonha e consideração por seu amigo, o homem acaba se arrependendo e mudando seu modo de agir.[81a] Este era o modo de agir de Aarão – com amor. Ele não pregava. Ele não condenava. Aarão apenas envolvia as pessoas com seu amor e amizade. Em resposta ao calor de sua personalidade, as pessoas se aproximavam da Torá.

Não podemos todos nos tornar aarões. Mas pelo menos, nos insta Hilel, tornemo-nos *discípulos* de Aarão. Tentemos aprender seus caminhos e imitar sua abordagem.

Obviamente, Aarão conseguia fazer as pazes entre os outros porque estava em paz consigo mesmo. Dentro dele não havia a inveja, a ambição mesquinha ou presunção inflada que leva os outros ao descontentamento eterno e luta interior.

Aarão era mais velho do que seu irmão, Moisés. Durante os anos de servidão no Egito, Aarão havia sido o líder e profeta de seu povo. Seria de se esperar que ele recebesse com ciúmes e ressentimento a escolha de Moisés como redentor e libertador. Mas o Todo-Poderoso disse a Moisés: "E te verá e se alegrará em seu coração."[82] Aarão amava a humanidade, da qual seu irmão mais jovem fazia parte, e também o seu povo. Aarão estava em paz consigo mesmo e, consequentemente, com o mundo.

A obtenção desta paz interior e serenidade permanente não é fácil. Existe muita gente que se perturba pelas coisas mais insignificantes: o sucesso dos outros, um revés nos negócios, uma previsão de mau tempo. Tudo isto pode ser perturbador, se permitirmos que se converta em algo demasiadamente importante ou significativo. Uma vez que centremos nossa atenção nas coisas realmente transcendentes da vida – nossa relação com Deus e sua Torá – todo o restante se torna relativo e passa a segundo plano.

Logremos, primeiro, que o "amor pela paz" faça parte de nosso caráter; em seguida, poderemos converter-nos em "perseguidores da paz" no mundo.

Uma emoção forte é uma experiência marcante e que se apodera da pessoa inteira. Está além de toda a lógica e interesses materiais.

Este é o motivo pelo qual as mais importantes categorias religiosas do judaísmo estão representadas como emoções – amor a Deus e temor reverente ao Céu. A verdadeira religião, os grandes imperativos éticos, nunca serão alcançados através da lógica fria e da razão mesquinha.

Analisemos a seguinte máxima: "A honestidade é a melhor política". Como podemos reduzir a honestidade a uma "política"? A política tem seu lugar nos negócios. Pode ser uma política estender o crédito por trinta ou sessenta dias ou receber vendedores somente em certos horários durante a semana. Mas uma obrigação ética não pode ser uma simples "política". A honestidade constitui um valor por si mesma. Pelo mesmo raciocínio, a paz não é apenas uma política. A paz, *shalom*, é um atributo Divino, um Nome de Deus. Você precisa, antes de mais nada, ser um "amante da paz". Tem de amar com todo seu coração, com todo o seu ser; somente então tornar-se-á um "perseguidor da paz."

O chassídico Rebe de Vishnitz pergunta: De que tipo de pessoas nossa *Mishná* está falando? Claramente, aquelas que estão afastadas da Torá e a quem desejamos trazer para mais perto da mesma. Em outras palavras, Hilel nos conta que Aarão amava o transgressor, o ignorante, e o não-observante, além do erudito, do sábio e do santo.

O Rabino Kook foi indagado certa vez por que era tão amistoso com pessoas não observantes. Ele respondeu, com seu modo característico: – "Prefiro ser culpado de *ahavat chinam*, amor imerecido, do que de *sinat chinam,* ódio imerecido." A tradição nos diz que o Templo foi destruído e Israel exilado por causa da *sinat chinam*.[83] O povo judeu se dividiu em uma imensidão de seitas e partidos em disputa. A divisão das mentes levou a uma divisão de corações e a discordância, ao ódio.

Em nosso retorno a Sião hoje em dia, o judaísmo mais uma vez está dividido. Há os partidos religiosos, o *Avodá*, o *Mapam* e muitos outros. Mas, se desejarmos reconstruir o Estado Judeu, deverá ser sobre alicerces mais firmes do que os daquele que desabou. Devemos nos assegurar de que não haverá mais exílio. Devermos redimir *sinat chinam* com *ahavat chinam*, ódio imerecido com amor imerecido, ódio irracional com amor ilimitado.

Você deve amar seu semelhante quer ele esteja de acordo com você ou não, seja ele observante ou não, simplesmente porque ele é um ser humano. Discordar, talvez, mas odiar, jamais!

Como Aarão demonstrou, reconstruir a autoestima de uma pessoa, tratando-a como um ser justo, pode às vezes fazer com que se converta em uma pessoa reta. Lemos: "Não repreendas o escarnecedor, para que não te aborreça; corrige ao homem sábio e te amará".[84] Meu pai, de abençoada memória, citou certa vez o Malbim, dizendo que o verbo *hochêach* ("repreender") deve ser seguido pelo prefixo preposicional *le*, como acontece na segunda parte do versí-

culo, *hochach lechacham* (“repreende ao sábio”). Por que, perguntou, falta então na primeira parte, ao *tochach lets* (“não repreendas ao escarnecedor”?) Não deveria estar escrito *lelets*?

Meu pai explicou: o prefixo *le* significa literalmente “para” ou “em direção a”; quando ele vem depois do verbo *hochêach*, ele significa uma meta, um produto final que a reprovação procura obter. Então, a passagem deve ser interpretada: Não repreenda alguém em seu caráter de escarnecedor. Para que não o odeie; repreenda-o, em vez disto, considerando o mesmo indivíduo como “um homem sábio” e ele irá amá-lo. Se você o rotular de “escarnecedor” e repreendê-lo como tal, ele indubitavelmente fará jus à designação. Enxergue-o como um “homem sábio”, porém diga-lhe: “Como uma pessoa decente como você pode tornar-se alguém assim?” Veja o potencial para ser um “homem sábio” que nele existe e ele poderá ficar tentado a desempenhar o papel que lhe foi atribuído.

Nós geralmente traduzimos as palavras *rodef shalom,* da *Mishná* como “perseguir a paz.” Mas o verbo *rodef* é frequentemente compreendido como denotando a perseguição com o objetivo de destruir; em outras palavras, perseguição. Neste sentido, então, a passagem significaria: “ama e persegue a paz”. No entanto, isto não é nada paradoxal. Com frequência, aqueles que amam a paz podem, por amor à Torá, precisar romper a paz temporariamente. Quando um dos líderes de Israel desafiou Moisés e profanou publicamente o Nome de Deus ao cometer uma grande imoralidade, Pinechás (Fineias), um neto de Aarão, destruiu os perversos. Ele certamente não manteve a paz no sentido convencional. Ele cometeu atos de violência e derramou sangue. Pinechás não hesitou em romper a “paz” de compromisso e se recusou a tolerar o mal. Contudo, o Todo-Poderoso recompensou *Pinchas*: “Eis que lhe dou a Minha aliança de paz.”[85]

Sem qualquer hesitação, Pinechás destruiu uma paz superficial e irreal para obter uma paz genuína: um relacionamento harmonio-

so entre Deus e Israel. Esta foi uma "guerra para acabar com a guerra." Encontramos ocasiões como essa na vida e na história. Devemos rezar ao Todo-Poderoso que nos dê a sabedoria para reconhecer e julgar estas ocasiões corretamente!

O finado Rabino Shemuel Greineman fez certa vez uma observação correta: "Todos estes ensinamentos – ama a paz e busca a paz, ama as criaturas – não são ensinados isoladamente, mas tem uma meta comum: aproximar as pessoas da Torá. Elas devem ser consideradas apenas como instrumentos para aprofundar a apreciação das pessoas pelas palavras de Deus. Assim como um frasco de remédio pode conter as instruções "Agite antes de usar", de modo que todos os ingredientes se misturem, estes diferentes ideais devem também, ser misturados com a finalidade fundamental de levar a Torá ao coração de cada um.

Notas

79. T.B. *Shabat* 31a.

80. T. B. *Berachot* 69a.

81 Salmos 112:7

81. *Avot* deRabi Natan, A12, B24.

82. Êxodo 4:14; como interpretado em *Tanchumá* Buber, Êxodo 24.

83. *Tosefta*, *Menachót* 13, 22; *Iomá* 9b; *Calá* 8 (ed. Higger 5, I); T. J. *Iomá* 1,1.

84. Provérbios 9:8

85. Números 25:12.